

ENTREVISTA

A capa de *Fogo-Fátuo* foi desenvolvida pela artista plástica Jacqueline Aronis, a partir de uma aquarela pintada por você. Como foi esse processo? Qual é a sensação de ver uma pintura sua na capa de um livro?

Eu comecei a pintar a partir de uma ideia para a capa do livro. Comecei a fazer esboços, pesquisar papéis, tintas, diferentes materiais, e assim surgiu a capa e uma nova rotina na minha vida. Passei a desenhar todos os dias. Pintar é prazeroso. Gosto de desenhar, estou aprendendo.

Há quanto tempo você vem se dedicando à pintura e que papel ela tem hoje em sua vida?

É recente, comecei a desenhar nos últimos dois anos, quando comecei a escrever *Fogo-Fátuo*. Meus amigos iam me visitar, gostavam do que viam, isso me motivava.

O que a Patrícia Melo escritora ensinou à pintora, e vice-versa?

A ter paciência. Não ter pressa. Nem medo. A pintora ainda não tem nada para ensinar. Só para aprender.

A perita Azucena é sua primeira detetive. Como se deu a concepção da personagem, desde suas características e personalidade até sua história familiar etc.? Ela é inspirada em alguém real?

Azucena é uma criação minha. Uma figura honesta, que enfrenta toda sorte de dificuldade na sua rotina: falta de material, de infraestrutura, de equipe, de tudo (um mundo arcaico, com patologias novíssimas) e que mesmo assim, faz seu trabalho de forma admirável. Eu me inspirei em profissionais que conheci durante a pesquisa, gente séria, que esteve na linha de frente de casos importantes do país.

Você costuma realizar pesquisas sobre os assuntos que pretende abordar em seus romances? No caso de *Fogo-Fátuo*, houve esse tipo de pesquisa?

Escrever é uma forma de repensar o mundo. É mais que uma pesquisa, é uma vivência, uma experiência de algo novo. Vou fundo nestas experiências. Meus livros me esgotam.

É possível esperar novas histórias protagonizadas por Azucena?

Será uma trilogia. Já dou a dica do que vem por aí no final do romance.